



REVISTA INTER-LEGERE: PESQUISAS  
**MUSEU CÂMARA CASCUDO ESTÁ  
VIVO?**  
IS CÂMARA CASCUDO MUSEUM ALIVE?

---



**NARA DA CUNHA PESSOA<sup>74</sup>**

Bolsista CNPq, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [ncpessoa@yahoo.com.br](mailto:ncpessoa@yahoo.com.br).

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo pensar os museus a partir da compreensão da instituição enquanto ambiência da cultura. Para tanto, se faz necessário focarmos algumas reflexões acerca das características que envolvem as práticas culturais. Neste sentido, o trabalho apresenta, como fio condutor, as idéias de Zygmunt Bauman sobre a cultura, como práxis, considerando como pontos fundamentais a frase “*la cultura no puede producir otra cosa que el cambio constante, aunque no pueda realizar cambios si no es a través del esfuerzo ordenador*” (BAUMAN, 2002, p.33), e a metáfora da cultura enquanto *fábrica de ordem* desenvolvida pelo autor. O termo *bricoleur*, atribuído a Claude Lévi-Strauss, também é significativo para a compreensão de que as práticas culturais não são predeterminadas, mas adquirem sentido a partir do uso que se faz das coisas, ou à medida que se vivencia os processos culturais. A pesquisa tem como objeto empírico o Museu Câmara Cascudo, sobre o qual investigamos a relação museu/sociedade, tendo como foco seu Setor de Exposição. Para melhor compreensão do funcionamento e gestão do Museu, realizamos uma pesquisa histórica nos seus arquivos, além de entrevistas com a atual direção, professores e funcionários. O trabalho ainda traz reflexões acerca das idéias de memória e história e questões que adentram a área da museologia.

**Palavras-chaves:** Museu; Cultura; *bricoleur*; Memória; Exposição.

---

<sup>74</sup> Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Galeno Dantas

## 1 O MUSEU CÂMARA CASCUDO ESTÁ VIVO?

O objetivo principal deste trabalho é pensar a instituição museu enquanto ambiência da cultura. Iniciaremos com a idéia de museus como espaços de trocas e fluxos de conhecimentos destinados a todas as comunidades da sociedade, para refletirmos nas relações entre cultura, museu e sociedade. Como pensar essa relação indispensável? E por que ela se faz indispensável?

Este trabalho, enquanto resultado de pesquisa empírica, tem como objeto de estudo o Museu Câmara Cascudo (MCC), museu universitário da UFRN, localizado na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte. O MCC foi o primeiro museu universitário do RN e também o primeiro museu do Estado a desenvolver sua atividade diretamente ligada à pesquisa.

O objetivo específico de pesquisar a história e o funcionamento presente do MCC é ressaltar a importância desse museu para a cidade de Natal e para a UFRN. A partir da compreensão que temos de cultura, que exporemos mais adiante, nos afastaremos dos antagonismos tradicionais – cultura erudita e cultura popular – para desenvolvermos o conceito de “cultura viva”, o qual se refere à dinamicidade que envolve as construções materiais e imateriais do homem.

Do mesmo processo cognitivo surge a idéia de “Museu Vivo”. Se a “cultura viva” fala do caráter transitório, inovador e, ao mesmo tempo, conservador e por isso dúbio, incerto, indeciso, como diria Edgar Morin, o que entendemos por “Museu Vivo”? O museu que é dinâmico porque se renova constantemente, porque não é o guardião do passado, mas um produtor de conhecimento sobre o passado, que dialoga com o presente e que possibilita o processo de construção e conscientização do futuro. O “Museu Vivo” não apenas se renova, como também oferece fontes de inspiração para que o público se renove a partir da ampliação do saber, do confronto de idéias, do estímulo à criatividade. São essas as idéias que caracterizam o conceito.

Nesse sentido, cabe a pergunta: qual a relação entre museu e cultura, sendo ambos vistos a partir de novas abordagens que não as tradicionais?

Enquanto pesquisa e reflexão teórica, nos apropriaremos de alguns conceitos fundamentais para entendermos esse complexo campo, que é o da cultura. Assim, teremos como fio condutor, deste trabalho, as idéias de Zygmunt Bauman sobre a cultura como práxis, considerando como pontos fundamentais a frase: *“la cultura no puede producir otra cosa que el cambio constante, aunque no pueda realizar cambios si no es a través del esfuerzo*

*ordenador*” (BAUMAN, 2002, p. 33), e a metáfora da cultura enquanto “fábrica de ordem” desenvolvida pelo autor.

Outro conceito importante para nosso trabalho é atribuído a Claude Lévi-Strauss. Tomaremos o verbo *bricoleur* para pensarmos a cultura enquanto algo não definível por um projeto, mas que “se define apenas por sua instrumentalidade e, para empregar a própria linguagem do *bricoleur*, porque os elementos são recolhidos ou conservados em função do princípio de que ‘isso sempre pode servir’” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 33).

Além disso, pensaremos e discutiremos novas idéias, para os museus que possam promover o processo de construção e conscientização do passado, presente e futuro, baseando-nos no pensamento de Edgar Morin, quando se trata das mudanças necessárias à reforma do pensamento e à elevação da solidariedade entre os sujeitos. Além desses pensadores, idéias vindas de outras cabeças estarão imbricadas em nossa reflexão, tanto da área museológica quanto sociológica.

A partir do acesso à leitura de diversos documentos, como atas, correspondências, notícias em jornais, etc. referentes ao MCC, assim como através da observação pela experiência presencial no ambiente da pesquisa, pudemos compreender como funcionava e como funciona a instituição, quais são as políticas culturais praticadas e como se dá a gestão do museu.

O MCC, localizado na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, foi criado em 1960<sup>75</sup> como Instituto de Antropologia, apenas dois anos após a abertura da Universidade do Rio Grande do Norte, federalizada naquele mesmo ano, passando a chamar-se Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A criação do Instituto de Antropologia (IA) foi oficializada após pouco mais de um ano, no dia 19 de dezembro de 1961, quando, em sua primeira reunião, ficou traçado o programa de trabalho para o ano de 1962.

O IA foi o primeiro departamento de pesquisa da Universidade e reuniu diferentes áreas, inaugurando seu caráter multidisciplinar. A partir das pesquisas realizadas pelo IA, foram desenvolvidas áreas do conhecimento e do saber que fazem parte do quadro de ensino atual da UFRN. O IA também oferecia cursos de extensão universitária nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Etnologia e Paleontologia, além de abrigar, em suas salas, algumas disciplinas oferecidas pela UFRN. Em 1965, o IA recebe a denominação de Instituto de Antropologia Câmara Cascudo, em homenagem ao primeiro diretor do IA, Luis da Câmara Cascudo, historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Em outubro de 1973, com o compromisso de manter o acervo permanente do IA, foi criado o Museu Câmara Cascudo.

---

<sup>75</sup> De acordo com a Lei Estadual nº. 2.694, de 22 novembro de 1960, a qual foi publicada em Diário Oficial.

O MCC foi o primeiro museu universitário do Rio Grande do Norte e também o primeiro museu do Estado a desenvolver sua atividade diretamente ligada à pesquisa. Em virtude dos trabalhos nas áreas de Antropologia, Etnologia, Arqueologia, Biologia e Paleontologia, realizadas no litoral e na região do Seridó no RN, o MCC foi referência nacional e internacional. A grande maioria do acervo contido e exposto no Museu reflete exatamente os resultados das pesquisas realizadas pela instituição.

Nas décadas de 1960 e 1970, o MCC era um exemplo de instituição em plena atividade. A partir da década de 1980, o museu entra em um estado de crise, que é realidade até os dias atuais. Hoje, 48 anos depois, podemos dizer que o museu se encontra em um ritmo um tanto ou quanto “apático” em relação à sua fase inicial. Em uma visita ao MCC, é notório o estado de defasagem e carência pelo qual passa Museu.

Reconhecer a importância do MCC e percebê-lo como uma instituição a serviço da sociedade, bem como compreender as suas funções enquanto museu, não se revela algo tão prático quanto a própria definição do que é um museu: “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais, dos povos e seu ambiente” (Conselho Internacional de Museus - ICOM).

Compreendemos que os museus são espaços sociais de grande importância para o desenvolvimento do saber, da cidadania, da consciência crítica e da criatividade, pois, se reconhecemos que esses espaços devem estar voltados para os sujeitos e suas práticas culturais – suas atividades relacionadas ao cotidiano: os modos de fazer, de pensar, de sentir etc –, é porque acreditamos na dinâmica que envolve a sua funcionalidade, dinâmica que permite que os museus sejam campos de experimentação social. Portanto, o museu a serviço da sociedade, possibilitando um processo de construção da qual os sujeitos participam e por isso lhes atribuem significado, pois o museu lhes faz sentido.

Quando falamos em “cultura viva”, nos referimos principalmente ao processo de transformação freqüente nas culturas, que lhes confere caráter dinâmico, móvel e transitório. Nesse sentido, admitimos a cultura enquanto processo de *bricolage*, pois a partir do que entendemos que podemos atribuir novos significados continuamente a qualquer elemento que tenhamos próximos de nós, já que os signos é que dão sentido à cultura: os signos criam os significados, sendo a cultura uma criação imotivada.

A cultura é imotivada porque, a princípio, ela não tem uma função definida. Os significados são atribuídos a partir do uso que se faz de alguma coisa, do consumo, da apropriação de algum elemento. Como Bauman coloca, o caráter imotivado dos fenômenos

culturais revela-se, pois “toda cultura (...) está diariamente envolvida naquilo que Lévi-Strauss deu o nome memorável de *bricolage*” (BAUMAN, 1998, p.174).

Na cultura não há uma diretriz estabelecida que determine as ações para que se chegue a um resultado preestabelecido. Os processos culturais se dão de forma natural, entretanto, não acontecem aleatoriamente, já que, na apropriação dos signos, há uma rede de imbricações, na qual todas as linhas dessa rede estão conectadas, seja em maior ou menor grau. Ou seja, embora os fenômenos culturais não sejam prédeterminados, eles não estão, por essa razão, necessariamente desvinculados de alguma prática cultural existente ou que já existiu; há esses entrelaçamentos.

Ao analisarmos os conceitos de cultura, nos deparamos com uma heterogeneidade de noções estabelecidas. Para Morin, a cultura é

falsa evidência, palavra que parece uma, estável, firme, e, no entanto, é a palavra armadilha, vazia, sonífera, minada, dúbia, traiçoeira. Palavra mito que tem a pretensão de conter em si completa salvação: verdade, sabedoria, bem-viver, liberdade, criatividade (MORIN, 1999, p. 75).

Segundo o autor, “nossa sociedade é policultural: há a cultura das humanidades, nutriz da cultura ilustrada, a cultura nacional, que alimenta e exalta a identificação com a nação, as culturas religiosas, as culturas políticas, a cultura de massas” (MORIN, 1999, p. 79). Afinal, de que cultura estamos tratando?

Não estamos trabalhando com a noção de cultura como algo estabelecido e cristalizado, ou a noção de duas culturas antagônicas, havendo uma melhor e outra pior, uma boa e outra ruim. Ao contrário, consideramos a cultura como uma força dinâmica em si mesma, uma matriz de permutações possíveis, na qual a oposição entre continuidade e descontinuidade perde o seu poder perturbador e a continuidade passa a ser pensada como uma inacabável cadeia de trocas e inovações (BAUMAN, 2002).

A partir de uma outra abordagem, Bauman sugere a metáfora da “fábrica de ordem” para mostrar como a noção de cultura foi cunhada e, em muitos casos, ainda é. A metáfora se refere ao fato de a cultura por muito tempo ter sido concebida como se nela cada elemento tivesse uma função a cumprir e nada fosse deixado ao acaso, como se um choque entre os elementos só pudesse provir de um erro no planejamento, uma deficiência. Pensava-se cultura como se nela cada elemento devesse desempenhar uma função útil para a manutenção do modelo de ordem concebido.

Contudo, na cultura, diferentemente do caráter repetitivo que assumiu a tecnologia moderna, nenhum ato humano é uma reprodução precisa, uma cópia idêntica ao modelo já produzido. Cada vez que algo é reproduzido, este algo possui características originais,

tornando-se uma versão única de tal coisa. Portanto, os modelos estão em contínua transformação. E não se pode distinguir o autor do agente, pois se espera que cada membro seja um pouco dos dois.

Ao aproximarmos esses pensamentos, compreendemos que é o caráter dinâmico da cultura, bem como a sua potência de renovação, a partir do uso ou do desuso de elementos e signos à disposição da humanidade, que nos possibilita entendê-la como algo vivo, algo que se “consome”, que se vivencia e que, dessa forma, está em constante renovação e também manutenção.

Quanto aos museus, devemos primeiramente delinear o que entendemos por suas funções. Afirmamos anteriormente que reconhecer a importância dos museus para a sociedade, bem como aplicarmos os conhecimentos adquiridos na prática museológica, não é algo tão simples quanto assimilarmos sua definição. Portanto, se faz necessário apreendermos as novas idéias e visões que surgiram na museologia a partir da década de 1970, quando começa a haver uma discussão mais ampla sobre as funções do museu na sociedade.

A nova museologia despreza o interesse centrado no objeto e dá lugar a um novo conceito de museu, entendido como um instrumento necessário ao desenvolvimento da sociedade. Da idéia de objeto como valor artístico, arqueológico, etnográfico e histórico, chega-se à valorização do objeto como documento e reflexo de uma sociedade e de uma cultura. Assim, o conceito de patrimônio se estende além do puramente material, que caracteriza a política de aquisições dos museus, e inclui os mitos, poesias, canções e danças.

Os museus passam a se caracterizar por uma dupla responsabilidade: a de preservar a integridade do objeto, como elemento de nosso patrimônio, e a de contribuir para a evolução da sociedade, trabalho que deve realizar através da investigação e da missão educativa. O verdadeiro papel do museu na sociedade atual deve ir muito além de sua coleção, seja ela qual for. De acordo com os alguns pensadores:

A nova museologia, disciplina aplicada à realidade dos museus, postula a premente necessidade do ingresso não de uma parcela, mas de todos os segmentos da sociedade à atmosfera do museu, bem como a entrada e a proteção do patrimônio, de forma global, em um cenário – museu que extrapola suas portas e busca outras realidades (VERGOLINO, 2006).

Museus orientados por uma política cultural em que educar não é apêndice, mas sim preocupação central e, sobretudo, que essa preocupação esteja dialeticamente inserida na instituição, sem se limitar a uma atividade pedagógica formal (visitas guiadas, cursos, vídeos, etc.), assumindo uma postura sensibilizadora e, portanto, conscientizadora (SEGALL, 2001, p. 63).

A lembrança é possível porque o grupo existe, o esquecimento decorre de seu desmembramento. Entretanto, para ser verificada, a memória necessita de uma referência territorial, ela se atualiza no espaço envolvente (ORTIZ, 1994, p. 75).

[...] preservar tem a ver com o uso dos bens preservados, e aí está o desafio atual em todas as áreas de preservação do patrimônio cultural e ambiental. Nesse sentido, preservar tem muito a ver com a reconciliação do indivíduo com seu entorno, seu ambiente e sua cidade. Não basta, por exemplo, tomar e conservar um imóvel histórico se, pelo seu uso, o cidadão não encontrar pertinência no seu local de moradia. No âmbito urbano, a idéia de reconciliação do indivíduo com sua cidade deveria estar presente em todas as ações de preservação. No entanto, a alienação entra nisso tudo (SEGALL, 2001, p. 70).

Para recuperarmos a introdução inicial do MCC, é necessário levantarmos a seguinte questão: como trabalharmos a reflexão teórica para discutirmos as questões evidenciadas no MCC? Primeiramente se entendemos a cultura como processo de *bricolage*, a qual não pode ser definida previamente, mas construída, renovada ou não a partir dos meios e dos elementos dos quais se dispõe no momento da criação, afirmamos que os museus, enquanto artefatos da cultura, apresentam (ou deveriam apresentar) o mesmo processo de composição. Portanto, assim como a cultura, os museus devem ser dinâmicos, renováveis, estar vivos, na medida em que são “usados” e na medida em que seus signos são “consumidos”. Quando não se tem isso em um museu, podemos apontá-lo como um “museu morto”.

O museu, enquanto artefato da cultura imotivada, é o lugar da representação da memória das culturas; mais do que isso, o museu mantém as culturas vivas, assim como permite sua re-significação, renovação, atualização e preservação. O museu seria aqui o *bricoleur* que, ao contrário do engenheiro que interroga o universo a partir “de um conjunto pré-determinado de conhecimentos teóricos e práticos e de meios técnicos que limitam as soluções possíveis” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.35), se volta para a produção de novos olhares, que podem ser renovados sempre, a partir de cada momento.

O *bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias-primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto (...). O conjunto de meios do *bricoleur* não é portanto, definível por um projeto (o que suporia, aliás, como com o engenheiro, a existência tanto de conjuntos instrumentais quanto de tipos de projeto, pelo menos em teoria)” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.38).

Portanto, os museus ao invés de delimitarem o olhar do visitante, se dedicariam a instigar a construção do saber, os processos criativos e a formação da consciência crítica. Mas, para tanto, é necessário primeiramente que o museu esteja vivo, que ele esteja em pleno funcionamento, realizando atividades com as comunidades e dialogando com as mesmas.

Abre-se, assim, a possibilidade da própria revitalização da memória que, de forma generalizada, é a base para a construção das identidades, para a consciência do indivíduo, pessoal e coletivamente, compondo uma das formas mais eficientes para o resgate do passado, ligando-o ao presente e ao futuro. (VERGOLINO, 2006).<sup>76</sup>

São diversas as problemáticas que envolvem um museu. Uma instituição como o MCC, que já foi instrumento fundamental para o desenvolvimento da UFRN, bem como capacitou muitos profissionais, além de ser reconhecido internacionalmente graças ao seu investimento em pesquisas nas áreas da Antropologia, Etnologia, Paleontologia e Arqueologia, hoje passa despercebido das autoridades e da sociedade. Em que momento podemos perceber o processo de mudança em seu status de instituição museológica para a sociedade? Como entender essas mudanças? Como analisar suas exposições e sua forma de comunicação com o público? Aprofundar-nos-emos nessas questões durante o nosso estudo feito a partir da pesquisa realizada no MCC.

A escolha do tema do trabalho está relacionada às experiências pessoais, que, desde o período da graduação em Produção Cultural, nos fizeram questionar as formas de uso dos aparelhos culturais e artísticos pela sociedade, assim como o seu funcionamento e gestão. Por acreditarmos nos museus enquanto espaços de vivências, experiências e comunicações entre a sociedade, nos aprofundamos no assunto. Quanto ao nosso objeto de pesquisa, o MCC, foi definido devido a sua importância enquanto instituição cultural, sobretudo para a cidade de Natal, e por acreditarmos na relevância da pesquisa, já que encontramos muito poucos trabalhos acadêmicos sobre o MCC; nenhum que desse conta dos aspectos gerais do seu funcionamento e alguns que tratam de coleções específicas do seu acervo. Os trabalhos que mais nos chamaram a atenção por abordar parte da história e das atividades do MCC são os seguintes:

- PINHEIRO, Marisa de Castro. *Museu Câmara Cascudo: Consagração de um Intelectual Potiguar*. Natal, 2007. Monografia (Curso de Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

---

<sup>76</sup> Sobre a revitalização e reciclagem das áreas centrais das cidades e o conseqüente ingresso do homem e do objeto no cenário institucionalizado, o Museu.



- SILVA, Abrahão Sanderson Nunes F. da. *Musealização da Arqueologia: Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico em Museus Potiguares*. São Paulo, 2008. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Arqueologia) – Universidade de São Paulo.
- SILVA, Aline Gurgel. *Instituto de Antropologia: História e Memória de um Itinerário Científico-Cultural na URN*. Natal, 2008. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- VALE, Nelson Aderaldo Olsen Maia do. *Turismo Cultural e Museu: Estudo de Caso no Museu Câmara Cascudo em Natal*. Natal, 2006. Monografia (Curso de Turismo) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Nossa pesquisa será dividida em três capítulos. Primeiramente apresentaremos conceitos da museologia, dando ênfase à mudança de paradigma dos museus, que teve início na década de 1970, quando podemos perceber as primeiras mudanças na forma de se conceber os museus. Estes passam de templos sagrados para espaços de participação voltados para as comunidades. Assinalaremos o momento atual do Brasil, no que diz respeito às políticas para museus, sem, no entanto, adentrarmos no tema das políticas públicas para a cultura.

Ainda no primeiro capítulo faremos a apresentação geral do MCC, abordando, em seus aspectos históricos fatos que nos permitam compreender o contexto no qual o museu foi criado. Além das questões do passado, descreveremos o momento atual do MCC, suas atividades, gestão e funcionamento, a partir da observação de campo e da pesquisa realizada em seu arquivo de documentos.

No segundo capítulo faremos uma reflexão sobre o conceito de cultura, seguindo a linha teórica apresentada acima, para adentrarmos questões como as representações das culturas nos museus e o papel do museu enquanto artefato da cultura imotivada. A partir da imbricação entre as idéias que permeiam a noção de cultura e as questões museológicas, entraremos mais a fundo nas questões expográficas do MCC.

No terceiro capítulo introduziremos questões relevantes para a compreensão e a reflexão de aspectos da relação museu/sociedade, admitindo os museus enquanto espaços de produção do conhecimento capazes de possibilitar novas formas de participação dos sujeitos. Consideraremos as possibilidades oferecidas pelos museus que seguem o caminho contrário à automatização dos sujeitos e à separação das criatividade e dos processos de aprendizagem, de reflexão e de conscientização.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Quando o Campo é o Patrimônio. In: **Quando o Campo é o Arquivo: etnografias, histórias e outras memórias guardadas**. Seminário. Promoção: CPDOC E LAH/IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro: 25-26/11/2004.

BALANDIER, Georges. **A Desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **La Cultura como Práxis**. Barcelona: Paidós, 2002.

BENSA, Alban. **La Fin de l'exotisme: essais d'anthropologie critique**. Paris: Editeur Anacharsis, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Espírito e a Matéria: o patrimônio enquanto categorias do pensamento. In: **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, IPHAN, DEMU, 2007.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2 ed. Brasília: MinC/ IPHAN/ DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Sentido e Contra-senso da Revolta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A Crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In: **Arquivo, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas**. Organizadora: Zélia Lopes da Silva. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

MORIN, Edgar. **A Cultura de Massa no Século XX: O Espírito do Tempo 2 – Necrose**. 3 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

PASSOS, Evandro F. O ecomuseu e o desenvolvimento local. In: **9ª Reunião de la Rede Pop**, 2005, Rio de Janeiro. O ecomuseu e o desenvolvimento local, 2005.

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. **Cadernos de Sociomuseologia** nº 15, p. 95-104; ULHT, 1999; Lisboa, Portugal. Tradução: Marcelo M. Araújo e Maria Cristina Bruno.

QUEIROZ, Moema Nascimento. A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania. In: **Revista Museu on line**, 2006.

SEGALL, Maurício. **Controvérsias e Dissonâncias**. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA, Aline Gurgel. **Instituto de Antropologia: História e Memória de um Itinerário Científico-Cultural na URN**. Natal, 2008. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VERGOLINO, Paulo Leonel Gomes. Belém do Pará – Museu a Céu Aberto. In: **Revista Museu on line**, 2006.

### **SÍTIOS ELETRÔNICOS**

[www.icom.org.br](http://www.icom.org.br)

[www.revistamuseu.com.br](http://www.revistamuseu.com.br)

[www.mcc.ufrn.br](http://www.mcc.ufrn.br)

[www.museu.gov.br](http://www.museu.gov.br)

[www.cultura.gov.br](http://www.cultura.gov.br)

[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)